

ENTRE OS 8 E OS 15 ANOS DE IDADE, EU TINHA UMA FANTASIA QUANDO me preparava para dormir. O desejo de me tornar jogador de futebol era tamanho que eu, deitado, imaginava que estava em algum hotel do mundão, às vésperas de disputar uma partida decisiva. Eu não virei boleiro, mas, na noite anterior à minha participação na 42ª Maratona de Nova York, a sensação que eu simulava quando era moleque virou realidade. Era a minha Copa do Mundo. “Culpa” da RUNNER’S WORLD, que me desafiou a driblar o sedentarismo rumo à prova mais badalada do planeta, história que contamos nas três últimas edições da revista. Quase 12 anos depois de levar um tiro de um policial paulista, que me fez perder o movimento das pernas, eu vivi uma emoção que provavelmente não teria existido se eu não estivesse paraplégico.



DICK DUGA
Almoçando com o mito Dick Traum, fundador da Achilles; abaixo, a delegação brasileira

O barato de estar em uma corrida dessas começou muito antes do domingo, 6 de novembro, o grande dia. Logo na chegada aos Estados Unidos, na quinta-feira anterior, já era possível respirar a maratona, principalmente no hotel onde eu estava, na 7ª Avenida, em frente ao Madison Square Garden. Tinha gente de todo canto. Russos, holandeses, cadeirantes da Polônia, do Equador... Se eu já tinha milhares de estímulos para não amarelar, ganhei mais um ao conhecer Robson Santos, 35 anos, atleta da equipe paulistana ADD. Ele teve os braços e as pernas amputados há dois anos em consequência de uma leptospirose. Em poucos meses de treinamento

com suas próteses, o cara já se tornara um dos 47 000 corredores dispostos a encarar os mais de 42 km do evento. É mole?

QUE VACILO!

Era sexta-feira. Mário Mello, meu treinador, estava na pilha. A paixão que ele tem pelo esporte só não é maior que a vontade de ver os 13 deficientes brasileiros que lá estavam cruzando a linha de chegada. Representante no Brasil da Achilles International, ONG norte-americana que incentiva portadores de todo tipo de deficiência a praticar corrida, Mário saiu pelas ruas em meio a um exército de cadeiras de rodas para buscar os kits da prova, que continham chip, sacolas guarda-volumes, adesivos para as cadeiras, entre outras tranqueiras.

Não fiz nenhum treino em solo americano, mas abusei naquela noite. É que tínhamos o tradicional jantar da Achilles com as delegações dos mais de 70 países onde a entidade é representada. Decidi sair mais cedo e ir até o evento no braço. O problema é que a distância entre meu hotel e o jantar era de 26 quarteirões, com leve subida em alguns trechos. Cheguei, mas minha mão doeu demais. Risco bobo...

TEORIA DO CAOS

Do mesmo jeito que o bater de asas de uma borboleta em Tóquio pode provocar



SINAL VERDE
O momento da largada; 93 carinhas do mundo todo na mesma vibe



EXPRESSO DA MADRUGADA
Na esquina da 37 com a 5ª avenida, o embarque no busão rumo a Staten Island

um furacão em Nova York, uma ideia de um deficiente sonhador em Nova York pode fazer muita gente desacreditada brilhar no esporte mundo afora. É a Teoria do Caos. Viagem minha? Não, estou falando de Dick Traum, fundador e presidente da Achilles, com quem almoçamos no sábado. Outra boca-livre, mas dessa vez Dick recebeu separadamente todas as delegações da Achilles do mundo. Ele me contou que, em 1965, tinha 24 anos, trabalhava como humorista e perdeu a perna direita em um acidente num posto de gasolina. Foi trágico, porém ele faria muito mais gente sorrir a partir disso do que quando era comediante.

De prótese, o homem se tornou o primeiro amputado a disputar uma Maratona de NY, em 1976. Sete anos depois, criou a Achilles e conseguiu espalhar o sonho pelo mundo todo, inclusive realizando o meu, já que foi pela entidade que conseguimos um técnico e uma handbike a preço bacana. Em tempo: Dick tem 71 anos, mas participou da prova neste ano na mesma categoria que eu, que tenho 29 anos. Claro, o “velho” chegou muuuito à frente de mim! Ele foi o 39º colocado, enquanto eu fui o 75º.



Depois do almoço com Dick, já era sábado à tarde. A grande corrida estava chegando e a ansiedade, transbordando. Eu tinha dormido em cima do ombro, mas um remédio aliviou a chatice. Hora de poupar energia, pois eu teria que acordar às 4 da manhã no domingo. Estava um pouco afilto, pois nunca havia participado de uma maratona e não sabia o grau de dificuldade das subidas que eu encontraria. Eu só as conhecia dos filmes. Liguei para minha mulher, para meus pais... Não dava mais para voltar atrás. Oba!